

DEPOIMENTO

Antonio CÂNDIDO⁽¹⁾

Nesta semana foram apresentadas contribuições teóricas e analíticas de importância sobre a obra e a ação de Fernando de Azevedo. Atendendo ao pedido dos organizadores, pretendo ficar num plano estritamente pessoal, poque talvez interesse aos presentes, inclusive os jovens, o testemunho dos que conheceram intimamente Fernando de Azevedo, como é o caso de Florestan Fernandes e meu. Nós fomos assistentes dele e, naquele tempo, o assistente era um auxiliar direto do catedrático, nomeado por escolha e indicação dele, demissível a qualquer momento por simples manifestação escrita da sua vontade, pois não havia, como hoje, estabilidade nem garantia de carreira, embora nos fosse exigido o doutorado. Tudo dependia, portanto, das relações pessoais. Fernando de Azevedo era emotivo ao extremo, de maneira que as suas relações com os assistentes foram sempre marcadas pela afetividade, como se verá ao longo deste depoimento, por meio do qual pretendo caracterizar o homem, para chegar a algumas das suas idéias através dos dados relativos ao seu convívio e maneira de ser. A dificuldade é escolher, para condensar em poucos minutos, na massa de recordações devidas a 30 anos de convívio. Tentando fazer isto, começo contando como conheci Fernando de Azevedo.

Eu o conheci como aluno, há 53 anos, no curso de Didática, que se fazia como 4º ano, depois dos três de bacharelado, e dava o grau de licenciado. Ele ensinava Sociologia Educacional, mas deu poucas aulas, porque foi logo nomeado diretor da Faculdade, sendo substituído no ensino por Emilio Willems, seu assistente. Das poucas aulas de Fernando de Azevedo guardo uma impressão de contraste entre o seu tom meio antiquado, com forte componente oratório, e a modernidade do que dizia. O assunto era educação primitiva, e ele ilustrava as aulas com exemplos e fotografias enviadas pelo grande etnólogo Curt Nimuendaju.

⁽¹⁾ Participação na "Semana Fernando de Azevedo, promovida pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, de 12 a 15 de abril de 1994.

com quem se correspondeu para este fim, pedindo-lhe que procedesse a investigações em seu trabalho de campo na Amazônia. Eram portanto aulas muito vivas e atuais, baseadas no que poderíamos chamar de experiência indireta. Isto pode ser visto no capítulo sobre educação primitiva de seu livro **Sociologia Educacional**, que acabara de publicar quando fui seu aluno, em 1941.

Em janeiro de 1942 colou grau a nossa turma, a maior até então da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que abrangia (da Matemática à Pedagogia) cursos que se distribuem hoje por sete ou oito institutos da Universidade: éramos 100.

Essa formatura foi muito solene, no Teatro Municipal, tendo sido a primeira vez em que foram usadas becas, o que reflete um traço saliente da personalidade de Fernando de Azevedo: o gosto pela pompa e o cerimonial. Até então, nas formaturas os professores iam de casaca e os formandos de smoking ou vestido comprido, conforme o sexo. Ele foi o nosso paraninfo e eu, orador da turma, o que deu lugar aos nossos primeiros contactos. Registro que naquela noite ele anunciou que a Faculdade tinha finalmente o seu regimento interno.

Eu estava numa situação financeira difícil e precisava arranjar trabalho com urgência, quando soube que havia um lugar de professor de História da Filosofia na 5ª secção do Colégio Universitário, dependente da Faculdade de Filosofia. Mas soube ao mesmo tempo que ia ser dado a alguém que não era licenciado. Resolvi me candidatar e protestar se fosse o caso. Pedi uma entrevista a Fernando de Azevedo e apresentei a minha candidatura, certo de que ia dizer "não" e eu protestaria (naquele tempo havia um grande esforço de nossa parte para reivindicar que os cargos de ensino médio fossem preenchidos por licenciados). Ele respondeu que o cargo já fôra ocupado. Eu então perguntei, com certo atrevimento: "Posso saber se foi por um licenciado pela Faculdade?" Ele respondeu: "Isso não vem ao caso, mas eu lhe pergunto: quer ser meu assistente?" Cai das nuvens e aceitei, sendo nomeado logo a seguir, substituindo Emilio Willems, que passara a reger a disciplina recém-criada de Antropologia. É claro que Fernando de Azevedo já estava pensando em meu nome, mas nunca tive a idéia de lhe perguntar, nos

longos anos do nosso convívio, qual fôra o motivo da escolha. Deve ter sido, em parte, o meu discurso de orador da turma, mas creio que foram sobretudo as referências de amigos comuns cuja opinião prezava, como Lourival Gomes Machado, João Cruz Costa e talvez Jean Maugüé, meu professor de Filosofia. Se por acaso tivesse tido a idéia de averiguar quem tinha tido as maiores notas em Sociologia no 3º ano (possível critério de escolha), veria que fôramos eu e José Francisco de Camargo, nomeado junto comigo, como 2º assistente. A cadeira era Sociologia Educacional, da secção de Pedagogia, que a seguir foi extinta, passando nós para Sociologia II, da secção de Ciência Sociais, cujo ocupante, Paul Arbousse Bastide, se transferira para a de Política.

Alguns anos depois de nomeado, José Francisco de Camargo (mais tarde catedrático e diretor da Faculdade de Ciências Econômicas) deixou o cargo por ter sido aprovado em concurso para o magistério secundário, que naquele tempo era melhor remunerado e tinha a vantagem da efetivação. Então, Fernando de Azevedo convidou Florestan Fernandes para substituí-lo. Quando fui nomeado, já era auxiliar técnica Maria de Lourdes Santos Machado. No começo dos anos 50 Florestan passou como assistente para a cadeira de Sociologia I, de Roger Bastide, a quem sucedeu quando este voltou para a França em 1954. O seu substituto foi Ruy Galvão de Andrada Coelho. Quando deixei o cargo em 1958, para ser professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Assis, formavam a equipe da cadeira de Sociologia II, além deste, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Azis Simão e Frank Godman. Aproveito para retificar um engano: ao contrário do que se disse por esses dias na Faculdade de Educação, Fernando Henrique Cardoso nunca foi assistente de Fernando de Azevedo, e sim de Florestan Fernandes.

Que tipo de homem era Fernando de Azevedo? Era uma personalidade forte e cheia de contrastes. Todos nós somos cheios de contrastes, porque uma das características dos homens é serem contraditórios. Mas o interessante é quando alguém se mostra capaz de administrar as contradições de maneira criadora, transformando-as em algo positivo, para traçar com elas uma coerente trajetória de vida. Nesses casos, é importante saber quais são essas contradições.

Para começar de maneira pitoresca, eu diria que nele a primeira estava ligada à estatura. Ele era baixo, mas, curiosamente, dava a impressão de ser mais alto, porque tinha a cabeça aprumada, era tão bem proporcionado e esticado, olhava com tanta firmeza, que o seu porte avultava e parecia crescer...

A partir deste primeiro contraste, pode-se pensar em outros. Por exemplo: era um homem arrojado, impetuoso e, ao mesmo tempo, prudente, diplomata e cheio de tacto. Tinha um ar de certa arrogância, mas sorria constantemente e aceitava bem as opiniões contrárias que lhe parecessem justas. Era grande nele a consciência do próprio valor e mesmo certa vaidade, mas respeitava o valor dos outros e não tinha inveja de quem brilhasse nos mesmos campos. Corajoso até à temeridade, duro na luta, com muito senso de hierarquia, era no entanto jovial e acessível a qualquer um, manifestando sempre a mais perfeita cortesia com todos. Os seus sentimentos tendiam sempre aos extremos: paixões violentas, afetos imperiosos, animosidades intensas. Mas podia perdoar e esquecer com generosidade, graças ao sentimento do próximo que fazia dele um amigo de qualidade rara. Isso explica por que, sendo muito autoritário, era sensível à opinião daqueles que prezava, sempre pronto a reformar os seus próprios pontos de vista quando fôsse o caso.

Era curioso vê-lo entrar no Departamento de Sociologia como um general em campo de batalha, de cabeça erguida, pisando forte, olhando firme, e chamar em tom de comando: "Antonio Cândido, Florestan!" "Nós o acompanhávamos à sua sala, enquanto as pessoas ficavam imaginando que ordens imperiosas nos daria (alguns diziam: "não sei como vocês conseguem trabalhar com Fernando de Azevedo"). Na sala, ele entabulava a mais cordial das conversas e pedia a nossa opinião sobre este ou aquele assunto, procurando formar o seu juízo de acordo com o nosso. E deixava inteiramente a nosso cuidado o movimento da Cadeira, pois ao contrário do que faria supor o seu ar de comando, era um homem de equipe, preferindo decidir por consenso. Por isso, poucos terão despertado tantas lealdades e dedicações quanto ele, e isso era favorecido pela sua impecável

cortesia e respeito ao próximo, não obstante a vocação para o mando e a liderança.

Era curioso o contraste entre a sua jovialidade e irreverência, e as atitudes e fórmulas protocolares, que procurava observar com rigor. Lembro do acanhamento de um jovem frade, meu amigo, quando, em conversa com Fernando de Azevedo, este o tratava respeitosamente por "vossa paternidade". Outro exemplo: Eurípedes Simões de Paula fora seu aluno, mas quando se tornou diretor da Faculdade, Fernando de Azevedo passou a tratá-lo por "senhor diretor", não valendo os seus protestos constrangidos. Em compensação, exigia dos outros a mesma deferência cerimoniosa.

Mas, como disse, entre amigos era todo bom humor e jovialidade, gostando inclusive de dar largas ao gosto pelas anedotas, nem sempre canônicas... Isto se prendia ao amor pela conversa, seja troca de idéias, seja charla descompromissada, - na Faculdade, na sua residência, nos bares ou nas casas de chá. Numa destas, estávamos certa tarde ele, Ítalo Bettarello e eu. Ele lamentava que a vida moderna estivesse diminuindo cada vez mais as possibilidades e a arte de conversar. De repente teve uma idéia: "Vamos fundar um clube de conversa?" Nós achamos graça e começamos a imaginar como seria, por mera diversão. Mas no dia seguinte ele apareceu na Faculdade com um projeto de estatutos, recheado de considerandos, parágrafos, artigos, - coisas como: "Aquele que tiver falado, só poderá ter de novo a palavra depois que, etc. etc." Então eu lhe disse: "Dr. Fernando, o senhor fez um regulamento tão bem feito e rigoroso que o clube acaba virando sessão solene e matando a espontaneidade". Ele riu e a coisa ficou por ali. Este exemplo serve para ilustrar o seu modo de ser múltiplo, que comportava a boemia intelectual desafogada e o culto da regulamentação estrita.

Serve também para explicar porque era homem de muitos amigos, e porque tendia sempre a transformar as relações de trabalho em relações de afeto. Tinha prazer em receber com freqüência colegas e colaboradores. A pretexto de conferir notas ou decidir programas, ele nos convocava ao seu gabinete de trabalho na casa da rua Bragança 55, forrado de verde escuro, com móveis severos de

jacarandá, posto numa espécie de promontório sobre o vale do Pacaembu, e lá ficávamos horas na conversa. A sua correspondência era enorme e ele deve ter sido dos homens que mais escreveram cartas no Brasil, além das freqüentes conversas telefônicas com alguns.

Mas é preciso lembrar os lados difíceis de sua personalidade imperiosa, dada a rompantes nem sempre amenos. Por isso, a convivência com ele, normalmente tão agradável, podia ter momentos penosos ou gerar equívocos, que me levaram a pedir demissão três vezes do cargo de assistente, - demissões que ele sempre negou, dizendo numa delas que se eu insistisse ele se demitiria junto. Darei apenas um exemplo, não por motivo pessoal, mas porque serve para esclarecer um aspecto importante do seu feito de homem que, apesar do respeito pela tradição, passou a vida transgredindo a rotina, no caminho das reformas. Por isso, queria estar sempre em posições avançadas.

Foi o seguinte: ali por 1947 ou 48, sendo eu representante dos livre-docentes na Congregação, Fernando de Azevedo propos numa sessão desta alguma medida que não me lembro mais qual fosse. Houve discussão e votação, com apenas três votos contra devido aos três membros mais moços: Eduardo Alcantara de Oliveira, Eduardo d'Oliveira França e eu. Acabada a sessão fui para a nossa sala na companhia de José Querino Ribeiro, que foi diretor desta Faculdade. Fernando de Azevedo já estava lá e me disse, de cara fechada: "Estou muito magoado com você". "Por que, Dr. Fernando?" "Porque você foi contra a minha proposta". Eu então disse, mais ou menos, que se pelo fato de ser seu assistente não podia discordar, apresentava a minha demissão. Muito emocionado, ele explicou que não estava triste pelo fato da discordância em si, mas porque esta tinha vindo dos moços, com os quais queria sempre estar, e nós o tínhamos jogado para o lado dos velhos. E não aceitou o pedido.

Feita esta tentativa de retrato falado, gostaria de apontar alguns aspectos da sua maneira de agir em relação às suas concepções. Começo dizendo que era muito característica dele a disposição de sempre vincular estreitamente a ação ao pensamento, de agir em função do que havia elaborado na reflexão. Além disso,

como diz nas memórias, tinha atração pelo risco, o que lhe permitia tentar as grandes realizações, pondo em jogo o seu gosto pela responsabilidade, que estava sempre disposto a assumir com ânimo de combate. Esse gosto se devia ao fato de ser o pensamento, para ele, um permanente convite à ação, não à contemplação. Era um intelectual de luta e na luta acrisolou o sentimento de fraternidade espiritual, como companheiro fidelíssimo que era e eu vi mais de uma vez romper relações que prezava para poder ficar com outras que prezava mais, porque mais identificadas com idéias que lhe pareciam melhores. No processo da luta podia ser implacável, como o vi ser algumas vezes na Congregação, levando ao desespero colegas que o haviam traído ou cujas posições lhe pareciam erradas. Nesses casos era contundente ao extremo, usando o sarcasmo e a ironia com mão de mestre, sem nunca ser grosseiro. E como era brioso, não deixava passar qualquer sombra de desconsideração.

Por isso tudo, creio que freqüentemente incomodava as autoridades superiores, que não ousavam enfrentá-lo. Assim, lembro que pelo menos duas vezes foi demitido sem aviso, porque tais autoridades, por falta de ânimo, recorreram ao expediente da surpresa pela publicação no **Diário Oficial**. Deste modo foi demitido da direção da Faculdade de Filosofia, creio que em 1943. Tempos depois, o reitor que agira com tal pusilanimidade o encontrou num evento e lhe estendeu a mão. Ele pôs a sua nas costas e encarou firme o outro, que, confuso e desorientado, bateu em retirada.

Digo essas coisas para salientar a sua firmeza e a sua determinação quando estavam em jogo a dignidade pessoal, as idéias e os princípios. Era a sua intransigência na aplicação destes que causava a reação dos interessados em outras soluções e dos que hesitavam em seguir o curso traçado. Assim foi que na luta pela reforma do ensino no Rio de Janeiro de 1927 a 1930, suscitou antagonismos ferozes que se manifestaram em campanhas pela imprensa, calúnias, tentativas de agressão e até uma de assassinio, impedida pelo compositor Orestes Barbosa, autor do famoso "Chão de estrelas", que, travando o braço do agressor, desviou o curso da bala destinada a Fernando de Azevedo.

Agora passo a um tópico que interessa quando pensamos no vínculo entre pensamento e ação: qual era a sua posição política? Tenho visto alguns o classificarem como liberal, mas sempre o ouvi declarar-se socialista, o que na verdade era, não só pelas convicções específicas, mas pela maneira de conceber o papel da educação como caminho aberto a todos para se chegar a uma sociedade igualitária. Talvez atualmente, depois da doutrinação de homens como Norberto Bobbio e do renovado interesse pelo livro de Carlo Rosselli, ele pudesse ser considerado um "socialista liberal". Do liberalismo tinha o corte mental "ilustrado", mas confiando muito na ação planificadora e reguladora do Estado.

Uma coisa porém é certa: nunca teve qualquer vínculo partidário e queria sobretudo realizar o que lhe parecia correto e necessário, fosse qual fosse o governo no momento. Por isso trabalhou com os mais variados tipos de governantes: conservadores, como Washington Luis; liberais, como Armando de Sales Oliveira; delegados de governo autoritário, como Waldomiro de Lima; ditadores, como Getúlio Vargas; populistas, como Ademar de Barros; democratas, como Prestes Maia. O seu critério era a possibilidade de realizar uma política educacional e cultural de acordo com as idéias renovadoras e igualitárias que sempre o nortearam. Quem criasse condições para pô-las em prática podia contar com a sua colaboração eventual. Esta era a "sua" política, que gerou equívocos a seu respeito.

Tentando classificar politicamente Fernando de Azevedo, usei certa vez uma categoria meio perigosa, mas útil para compreendê-lo, ou seja, considerá-lo um "oportunista desinteressado". No dicionário encontro duas acepções de "oportunismo", a primeira das quais é a seguinte: em política, é a tendência a sacrificar os princípios para transigir com as circunstâncias e acomodar-se a elas. Não é o caso dele e portanto esta acepção fica afastada. Eis a segunda: habilidade em procurar ocasiões para bons lances, como em certos jogos esportivos. Esta é mais próxima do que pretendo sugerir, pois ele era um homem que sabia discernir as ocasiões oportunas, a fim de realizar o seu lance educacional e cultural, com

vistas à realização de idéias, não a qualquer proveito pessoal ou grupal. Era, portanto, um oportunista desinteressado.

Pode-se objetar que "desinteressado" nega "oportunista", mas o que pretendo é mesmo deixar pairando certa ambigüidade, para não reduzir a esquema a complexidade de um homem cheio de contradições. Mas na minha fórmula o que predomina é o senso do momento oportuno para afirmar e realizar ideais, não para negá-los ou ocultá-los. E tal momento podia ocorrer neste ou naquele tipo de regime político.

Tempos depois de ter eu sido nomeado assistente apareceu o seu livro monumental **A cultura brasileira**, que, sendo publicação oficial, ligada ao censo demográfico, abre com o retrato de Getúlio Vargas e faz a certa altura elogios à Constituição outorgada de 1937. Mas esses elogios, entenda-se bem, referem-se apenas aos instrumentos que, nela, sendo bem usados, poderiam promover a melhoria e a difusão do ensino médio, inclusive técnico. Sob esse aspecto, Fernando de Azevedo achava que ela era mais democrática do que a de 1934. Anteontem, ouvimos aqui a leitura de uma carta dele, posterior à queda do Estado Novo, dizendo que Getúlio Vargas perdera uma oportunidade extraordinária de realizar uma política educacional adequada. Mas nunca foi partidário dele, tanto assim que na vigência da ditadura, em janeiro de 1945, participou ativamente, como membro da delegação de São Paulo, do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, que foi um movimento de arregimentação dos intelectuais contra o Estado Novo.

Ainda a propósito da sua posição política, vou contar uma coisa que pouca gente sabe. Em 1945, depois da redemocratização, o Partido Comunista passou para a legalidade e pôde concorrer às eleições. Fernando de Azevedo, que era em geral admirado pelos comunistas e tinha com eles boas relações, foi por eles convidado para ser o seu candidato à presidência da República. Ele me chamou à sua casa, contou o convite e pediu a minha opinião, que foi francamente contrária. Embora deva ter sentido certa tentação, ele acabou recusando. O PC convidou

então o juiz do Rio, Carpenter, que também não aceitou e, afinal, o engenheiro Iedo Fiúza, que aceitou e teve votação bastante expressiva.

Este caso mostra que Fernando de Azevedo, se nunca teve vinculação partidária, tinha afinidades reconhecidas com os partidos de esquerda e um senso político que se podia considerar de esquerda, como demonstra outro caso, que passo a apresentar.

Em novembro de 1955 houve o contra-golpe do Marechal Teixeira Lott, ministro da Guerra, para abortar um golpe de direita destinado a impedir a posse do presidente eleito, Kubitschek, no qual estava envolvido o presidente em exercício Carlos Luz, substituído do vice-presidente Café Filho por doença deste. Lott destituiu Carlos Luz, impediu que Café Filho voltasse ao governo e empossou o presidente do Senado Nereu Ramos, assegurando o mandato legítimo de Kubitschek e restabelecendo o curso da legalidade democrática.

Nós, socialistas, éramos naquela altura muito legalistas, porque ainda guardávamos a lembrança das lutas durante a ditadura do Estado Novo e sabíamos como eram essenciais tanto as liberdades democráticas, quanto a não intervenção dos militares na política. Por isso, ficamos indignados com o que consideramos golpe do marechal Lott e fizemos um manifesto contra. Lourival Gomes Machado e eu fomos pedir a Fernando de Azevedo que assinasse. Ele leu e replicou decidido: "Não assino!" Decepcionado, repliquei: "Como não assina, Dr. Fernando? Esse é um golpe militar, e o Sr. não assina?" Ele explicou, firme, que Lott fizera o necessário, porque estava se armando um golpe reacionário inspirado pela UDN, para manter os piores aspectos da vida pública brasileira. Eu me exaltei um pouco e fui até meio malcriado, ao dizer: "Dr. Fernando, o sr. está negando o seu passado". Ele ficou inabalável: "Não assino, vocês estão errados".

Vejam bem: ele queria estar sempre com os moços e volta e meia nos dizia para não esquecê-lo quando houvesse movimentos e abaixo-assinados. No entanto, naquela circunstância ficou contra nós, resistiu aos nossos apelos e nos censurou, - porque analisara a situação de um ângulo de esquerda, sem ilusões formais, demonstrando mais lucidez do que nós. Poucos dias depois já tínhamos

percebido a enormidade da nossa **gaffe**, pois ficou evidente que Lott impedira o triunfo dos grupos mais conservadores do país e garantira a normalidade democrática. Hoje, não hesito em dizer que ter assinado aquele manifesto foi uma das coisas mais reprováveis de minha vida política.

Por falar em legalidade: ele era democrata decidido, mas tinha arraigada a idéia que era preciso concentração e força de mando para fazer prevalecer as normas e medidas necessárias à instauração democrática. Assim é que costumava brincar (não sei se Florestan lembra), dizendo: "O melhor regime é a ditadura esclarecida, contanto que o ditador seja eu... A não ser assim, o melhor é a democracia".

Para terminar, quero dizer que ele foi coerente até o fim, enquanto teve forças. Em 1964, com setenta anos e um grave problema de visão (acabou quase cego), quando se instalou na Faculdade de Filosofia um inquérito policial-militar que convocou quatro professores, ele se apresentou para protestar junto ao oficial encarregado. E quando Florestan Fernandes reagiu com uma carta de grande nobreza e bravura e foi preso em consequência num quartel do Exército, ele foi conosco visitá-lo. Não fomos admitidos, mas lá estava ele.

Freqüentemente usa-se a expressão "grande homem" com certa liberalidade, inclusive como sinônimo de "grande intelectual", o que é outra coisa, embora ambas possam ocasionalmente coincidir. O que é então um grande homem? Para responder, valho-me de uma definição do padre dominicano Lacordaire, que meu pai nos citava e é a seguinte, se me lembro direito: "a característica do grande homem é descobrir qual é a necessidade fundamental do seu tempo e consagrar-se a ela". Por outras palavras, grande homem seria, como foi Fernando de Azevedo, aquele que sente qual é a sua missão à vista dos problemas maiores do seu tempo e entra na luta para resolvê-los, sejam eles políticos, econômicos, educacionais. Que assim foi, podemos dizer Florestan Fernandes e eu, que com ele convivemos de maneira estreita e afetuosa. Convívio nem sempre fértil, mas que sempre apontava para as melhores formas de conduta, as decisões mais justas e as manifestações mais legítimas do interesse coletivo.

É o que eu lhes queria dizer.